

Atuar na metrópole: um bairro histórico e o exercício projetual

O grupo CP / 3. a documentação e análise de experiências didáticas pertinentes.

BARBOSA, Marcelo Consiglio

Graduação FAU Mackenzie 1984, mestrado na FAUUSP (2002). Docente FAU Universidade
Presbiteriana Mackenzie
mconsiglio@hotmail.com

FEHR, Lucas

Graduação FAUUSP 1987; Mestrado FAUUSP 1999; Doutorando FAUUSP.
Docente FAU Universidade Presbiteriana Mackenzie; CAU Universidade São Marcos ; CAU Escola da
Cidade
lucasfehr@uol.com.br

RUBANO, Lizete Maria

Graduação FAU Mackenzie 1981, mestrado FAUUSP (1992) e doutorado na FAUUSP E, 2001. Docente
FAU Universidade Presbiteriana Mackenzie
lmrubano@superig.com.br

VILLAC, Maria Isabel

Graduação FAU Universidade Mackenzie 1977; Doutorado ETSAB/UPC 2002
Docente FAU Universidade Presbiteriana Mackenzie
belvillac@mackenzie.com.br

Endereço para correspondência

Universidade Presbiteriana Mackenzie, Reitoria, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.
Rua da Consolação, 896 - Prédio 9
Consolação
01302-970 - São Paulo, SP - Brasil
Telefone: (11) 32368313

Nota: Participaram do Workshop Mackenzie 2007, os seguintes professores:

FAU Universidade Presbiteriana Mackenzie: Carlos Leite, Igor Guatelli, Julio Cezar
Bernardes Pinto, Mario Figueroa.

ETSAB – Barcelona, Profa.Rita Pinto de Freitas.

UNISINOS-RS, Prof. Paulo Reyes.

Atuar na metrópole: um bairro histórico e o exercício projetual

Resumo

O trabalho é o resultado de um workshop realizado recentemente com alunos e professores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Presbiteriana Mackenzie, da Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona – Barcelona / Espanha e da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Vale dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo / RS. A temática proposta foi “CENTRO DE CULTURA E ARTE MUDIÁTICA. REVITALIZAÇÃO URBANA. INCUSÃO DIGITAL. DISSEMINAÇÃO DA CULTURA DIGITAL”, para atender a uma demanda da cidade de São Paulo e para compreender a comunicação digital dentro de sua vocação de promotora da inclusão social através da cultura. Diante da realidade de esvaziamento das áreas centrais, a escolha recaiu pelo bairro da Luz por seu valor histórico, seus edifícios de valor patrimonial e alto potencial de transformação pela mudança de uso e pela próxima inauguração de uma nova estação de metrô, que possibilitará maior adensamento habitacional e integrará a área ao território maior da cidade. As conferências críticas geraram os primeiros debates sobre a não possibilidade de resolução por um projeto síntese – o plano e a primazia da arquitetura do grande edifício – e a necessidade de incorporar A DIFERENÇA, A MULTIPLICIDADE DE HÁBITOS E DE OCUPAÇÃO DO ESPAÇO URBANO.

Abstract

This text is a result of a workshop recently carried through with students and professors of the Universidade Presbiteriana Mackenzie- São Paulo/SP, Escola Técnica Superior de Arquitetura - Barcelona/Spain and of the Faculdade de Arquitetura da Universidade do Vale dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo/RS. The thematic proposal was a center of art, urban renovation and digital inclusion, to take care a demand of the São Paulo city and this vocation of cultural activity .

Ahead changing reality of the São Paulo downtown areas, the choice felt to the Luz quarter with its historical value, its buildings of patrimonial value and high transformation potential for the changing use and considering the next inauguration of a new subway station that will make possible greater housing density and will integrate the area to the biggest territory of the city. The critical conferences had generated the first debates about the no possibility of resolution for a project synthesis – and the plan and priority of the great building architecture were abandoned- and was increased the necessity to incorporate THE DIFFERENCE, THE MULTIPLICITY OF HABITS AND DIFFERENTIATED OCCUPATION OF THE URBAN SPACE.

Palavras-chave: apropriação; cotas/vírus /rede; espaço público.

Atuar na metrópole: um bairro histórico e o exercício projetual

Introdução

A experiência de uma semana de trabalho com professores e estudantes de arquitetura da Universidade do Vale dos Sinos, da Escola Técnica Superior de Arquitetura de Barcelona e da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, revelou-se fundamental à revisão de algumas das perspectivas de ensino de projeto colocadas no curso de graduação.

O estímulo à discussão e à atividade projetual deu-se a partir de uma área central da cidade de São Paulo, o bairro da Luz, e a partir de um tema programático – centro de cultura e arte midiática; revitalização urbana; inclusão digital e disseminação da cultura digital.

O bairro tem sido “objeto” de discussões e encaminhamentos muito diversos no que se refere às políticas públicas de “renovação” e constitui um importante espaço de articulação de novos nós do transporte coletivo (trem, metrô, terminal de ônibus).

Tratando-se do tema da “renovação”, é fundamental reportarmo-nos à emblemática experiência de transformação do território e readequação “histórica”, como foi a do PRIH – Perímetro de Reabilitação Integrado do Habitat (1998-2002) que, na tradição de Bolonha (centro histórico) e Kreuzberg (o “bairro árabe” de Berlim) conduziu a discussão a partir de seus agentes, tratando a recuperação como fato que possibilita a vida cotidiana e não exatamente o grande acontecimento de diferenciação, presente hoje na urgência de uma “competição” internacional entre as cidades.

No PRIH reconhecia-se as vivências, as formas de organização e expressão, as dificuldades de se adequar a um território que perdeu muitas qualidades urbanas, mas que, dado esse potencial – humano e infraestrutural – deveria ser “reconstituído” de outra forma.

Em outros momentos (2004), o bairro é visto como suporte do negócio e é a ele que deve servir, com infraestrutura e baixo custo de investimento (redução das taxas municipais como incentivo, por exemplo). Visto dessa forma, o bairro é apresentado a partir do que tem como exceção: grandes edifícios públicos, tombados, museus, etc.

A arte e a cidade

Os estudantes de arquitetura, conscientes da discussão pertinente às diferentes gestões municipais e, portanto, às formas de se pensar a cidade, seduziram-se muito mais com a proposta do Projeto Arte/Cidade¹ e com a vitalidade encontrada quando da visita à área.

¹ ARTE/CIDADE grupo de intervenção urbana. Arte Cidade Zona Leste. Texto: Nelson Brissac. São Paulo: Garilli, 2002.

As propostas apresentadas por artistas e arquitetos à Arte/Cidade partem de questões teóricas que, em geral, ainda não estão presentes na perspectiva do projeto – urbano e arquitetônico – no Brasil. Partem da vontade de abrigar possibilidades colocadas pelos habitantes da metrópole: o nomadismo, a apropriação do destroço, gerado pelo abandono e pelo tempo histórico, a capacidade de usar criativamente recursos não convencionais, a transgressão, as formas individuais e coletivas de “equacionar” problemas estruturais da vida na metrópole, como habitar, por exemplo (e aqui, referimo-nos às ocupações organizadas de edifícios abandonados e que são tidas como “dias de festa”).

Ao escolher territórios urbanos - densos pelo uso, significado e esquecimento - como suporte a uma ação criadora, o projeto Arte/Cidade experimenta o confronto colocado por Deleuze e Guattari, 1995, visto que gera ações que são verdadeiras máquinas de guerra que se colocam, de forma radical, frente aos, então, aparelhos de captura.

“A sociedade rejeita, mas a cidade não”²

As três equipes de estudantes entenderam muito mais a área da Luz como fundo (e figura) de um acontecimento social e onde a degradação física dos edifícios e espaços públicos acabava por permitir esse acontecimento em condições “favoráveis”: há gente ali, que pôde, finalmente, ocupar o centro, levando o que tinha e o jeito como vivia.

Numa visita de sábado encontramos um grupo de músicos, o comércio oficial totalmente anárquico, demolições de metrô, museus, trem, gente indo e vindo e prostitutas em frente ao Jardim da Luz. Junto à grande obra do metrô, uma das mais importantes e históricas ocupações de edifícios em área central: o Prestes Maia, com seus 22 pavimentos, 430 famílias e uma ação que ameaça a apropriação organizada das pessoas que atribuíram uma função social ao edifício abandonado há 12 anos: assembléias, espaços coletivos, biblioteca pública e moradia.

A presença da ação, das pessoas que vêm ocupando o centro da cidade de São Paulo, o estímulo da experiência Arte/Cidade e as discussões entre professores e estudantes desencadearam as leituras, análises e propostas para a área.

O território como suporte

² Frase de um “homeless” publicada pela Folha de São Paulo em 1996, citada por Paulo Mendes da Rocha no ciclo de conferências *Less is more*, Barcelona: Colegio de Arquitectos de Calalunya, Julho de 1996.



Fig. 1. Estação Júlio Prestes e a linha do trem
Foto: Nelson Kon



Fig. 2. Estação e Jardim da Luz
Foto: Nelson Kon

As três equipes – **cotas, vírus e rede** – ativeram-se às dinâmicas das pessoas com o lugar para pensar o projeto. Poderiam ser dinâmicas cotidianas e freqüentes, ou características de um determinado período, ou, ainda, momentos de exceção. Mas a todos interessava como poderiam se articular os percursos infraestruturais (que ligam terminais de ônibus urbanos ao trem e ao metrô, por exemplo), as possibilidades postas ao consumo (pelo comércio especializado que se implantou na região) e as alternativas de passeio – ou permanência – no espaço público.

Para as três equipes o espaço público foi o suporte da ação e, o patrimônio construído, o suporte de um “reforço” a uma determinada atividade ou o acréscimo de uma nova possibilidade.

A equipe que trabalhou com o tema das **cotas**³, partiu da identificação da intensidade destes percursos, funcionais ou da deriva, para poder potencializá-los espacialmente, pelo território.



Fig. 3. Estudo da intensidade dos fluxos no território

A partir dessa leitura, cada um destes percursos poderia ser “acentuado” com uma experiência espacial que gerasse otimização e funcionalidade, que revelasse uma dinâmica já existente nas cotas inferiores, dos subsolos, e que permitisse – quando da deriva ou do livre caminhar - experiências urbanas de conexão entre lugares, além de abrigar acontecimentos complementares.

³ Grupo Cotas: Alberto Collet; Diane Renner; Frederick San Chez Corpuz; Gisele Lermen; Julio Becker; Lais Corteletti; Maria Alice Carvalho; Marina Canhadas; Thais Helena Ribeiro e Toni Zagato.



Fig. 4. Identificação das conexões e pontos de interesse no território.

Ao mesmo tempo em que articulações na escala macro acontecem, os percursos do cotidiano e locais foram reforçados: pode-se perceber – hoje - a cidade como participante de uma trama maior, em que situações pontuais de núcleos urbanos, em diferentes lugares, relacionam-se aparentemente como complementares (uma grande sala de concertos, um museu especializado, um hotel internacional de convenções, um importante aeroporto, ...).

Na proposta deste grupo, destacaram-se os espaços que foram apropriados de forma espontânea ou diferenciada (até pelo abandono das funções anteriores), associando a eles uma “nova condição espacial”, essencialmente a partir da dimensão do que é público (praças, vias, calçadas, circulações de metrô, eixo ferroviário, etc.).

Estas “novas condições” foram simuladas a partir das quatro “possibilidades” colocadas às cotas da cidade – estrias, perfurações, mergulhos e vôos – distanciando pedestre de veículo, fazendo emergir as articulações subterrâneas entre metrô e trem, conectando diferentes níveis altimétricos, diferentes pavimentos de edifícios, etc.

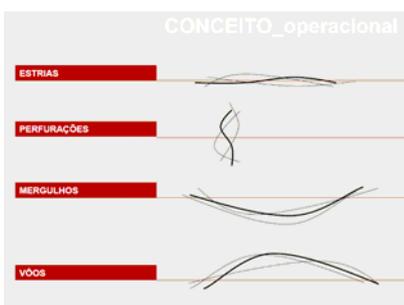


Fig. 5. Algumas possibilidades de percurso nas cotas da cidade.

A idéia de um **vírus** que contamina, difundindo potencialidades ou gerando transformação no território urbano foi o tema trabalhado pela segunda equipe⁴. Os estudantes reconheceram o

⁴ Grupo Vírus: Bruno Marques; Daniel Prujá; Domingo Morales; Eduardo cavasotto; Felipe Moreira; Júlia Chaves; Lílian de Oliveira; Maria Fernanda Pezzi; Rodrigo Poli; Vânia Geraldles.

potencial de vivência urbana presente na área da Luz e também a importância de seu patrimônio material. A partir deste reconhecimento elaboraram possibilidades de contaminação, vista como geradora de transformação, como promotora de interação com a cultura local, como difusora de potencialidades, como um estrato material (um espaço?) que se justapõe, sobrepõe ou se acopla.

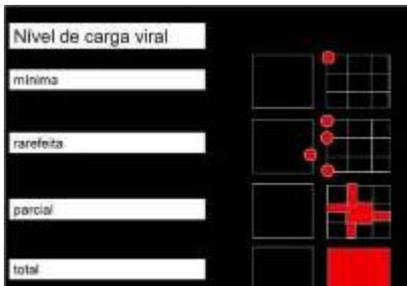


Fig. 6. A “carga” viral é distribuída conforme demanda identificada.

Estruturas “parasitas” que se acoplam às existentes poderiam acrescentar itens programáticos, qualificar um percurso, utilizar-se positivamente de cicatrizes urbanas indesejadas (as grandes empenas cegas dos edifícios de divisa, os espaços livres residuais, etc.). Permitiriam e/ ou potencializariam atividades inventadas (a roda de samba), cíclicas (a apropriação do lixo reaproveitável), ampliariam as possibilidades de conexão de eventos, que acontecem em diferentes pontos do bairro, viabilizariam informação.



Fig. 7. Os vírus, que amparam, otimizam e geram possibilidades novas de ação.

As condições de flexibilidade e de mudança estão muito presentes nesta perspectiva de estruturas “virais”: poderiam ser montadas e desmontadas, transportadas de um ponto ao outro, acopladas como módulos, amparando atividades diversas.

A equipe que trabalhou a idéia de **redes**⁵ destacou o potencial que a área apresenta se considerarmos os seus vazios. Visíveis ou “escondidos” no interior de quadra ou ainda com um uso precário (estacionamentos, por exemplo), os espaços “livres” poderiam funcionar como suporte de equipamentos novos que, muito mais que inseridos como objetos em destaque na paisagem da cidade, conformariam um reforço à rede já existente no bairro (materializada pelas ruas, calçadas, praças).

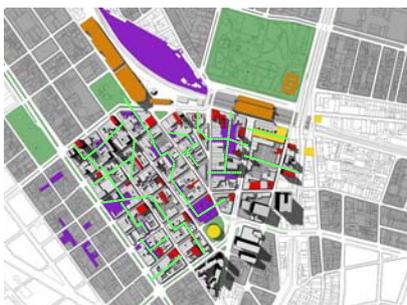


Fig. 8. Vazios identificados (em roxo) e algumas possibilidades de conexão.



Fig. 9. Os vazios – conectados – como suporte dos equipamentos de informação.

Quase como se os vazios fossem, ainda, uma espécie de reserva à espera de novos programas ou possibilidades de uso que “atualizassem” a área central frente às novas demandas.

O potencial é o vazio e o módulo proposto – móvel e multifuncional - é o complemento, também flexível e mutável, que possa atender às diferentes escalas – do mobiliário urbano ao grande evento (um auditório, um cinema),

Há o vazio – real – e a possibilidade de ocupá-lo – temporariamente ou de forma definitiva – mediante um suporte construído que é muito mais o abrigo às atividades do que o objeto de destaque na paisagem urbana.

⁵ Grupo Redes: Alberto Candido; Alex Nozari; Beto Rocha; Bruno Abra; Jean Carlos V. Meza; João Gabriel Galiardi; Julio Beraldo; M. Fernanda Ornelas; Renata Gouveia; Rita Roqueta; Thiago Pelakauskas.

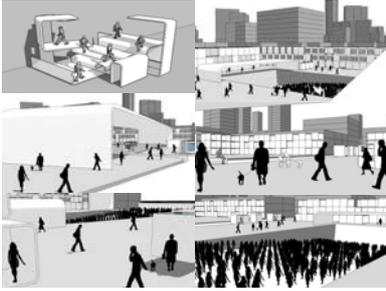


Fig. 10. Possibilidades colocadas pelo módulo.



Fig.11. Sua "adaptação" às condições da cidade real.

Uma experiência didática

Avaliar uma experiência didática como esta, representa uma oportunidade de observarmos aspectos de nossa prática didática cotidiana e refletir acerca de possibilidades outras de ler nossa realidade urbana e, portanto, de formular outras condicionantes ao projeto – urbano e arquitetônico.

Nossa herança moderna em arquitetura, de enorme importância na produção cultural brasileira, parece ainda ser um referencial para a proposição. Ou seja, mais que adentrarmos por uma perspectiva de leitura da realidade a partir de suas condicionantes, antagonismos, conflitos e diferenças, temos, por recorridas vezes, lançado mão da formulação da realidade inerte, estruturada a partir mais dos desejos de quem a observa do que a partir de suas próprias idiosincrasias.

Por essa condição teórica, temos conduzido processos – de ensino e até mesmo de concepção projetual - em que o desejo abstrai a realidade e o “edifício-síntese” responde – “eficientemente” – aos temas e às demandas identificadas.

Esse equívoco tem, ainda, conduzido processos acadêmicos em que não se experimenta interagir com a realidade, identificando-a como multiforme e extremamente complexa, levando a processos projetuais anacrônicos e muito distanciados de um real potencial de ação.

A experiência do workshop apresentou-se como uma possibilidade de discussão acerca de como pode se dar a apreensão da realidade para o projeto, do ponto de vista conceitual e metodológico.

Conceitualmente, as três equipes utilizaram-se de referenciais, tais como nomadismo, usador (o usuário criador de Lygia Clark ou o participante de Helio Oiticica), rizoma, deriva, densidade urbana, e partiram do pressuposto de oferecer à cidade mais dela mesma (congestão, espaços e articulações infraestruturais, por exemplo).

Como método, pode-se dizer que o interesse voltou-se pelo que foi rechaçado pelo plano – o inesperado, o mutante, a apropriação “indevida”, o “caos”.

Como proposição, os três trabalhos afastaram-se do tema da composição: o enfrentamento da condição urbana, de uma área como a Luz que se reconfigura sem plano, não foi compositiva: as propostas representaram apoio, reforço ou suporte às possibilidades encontradas pelas pessoas – e suas atividades - na área. O acréscimo de programas deu-se no sentido de potencializar infraestruturas (de território ou do patrimônio construído) já existentes.

Vale destacar, também, que nenhuma das equipes recusou o projeto como possibilidade: o desejo como usina e não como representação (GUATTARI e DELEUZE, 1995) mobilizou as equipes no sentido da ação e da construção de uma possibilidade espacial e pública.

A arte como incentivo e suporte da vida pública

Sabemos que a consciência da condição pós-moderna avançou para uma crescente diversidade de tendências. As propostas dos três grupos do workshop se distanciam da idéia do projeto unitário do Movimento Moderno. No entanto, apesar da atomização e dispersão, as propostas não podem ser reduzidas a um mero gesto sem conseqüências práticas e não participam das anunciadas visões da cidade para além da noção clássica de *topos*.

Os muros da cidade já foram derrubados pelos habitantes marginais que, na área da Luz, sobrevivem e resistem, e é esta a nova memória coletiva que deve ser incorporada à prática social do projeto cuja referência é o procedimento da arte, mais que a tradição da arquitetura. E é pela arte que as propostas vislumbram a interação social, a vivência coletiva e a apropriação do espaço público e se propõem como um fundamento que estima configurar menos a si mesmo que à atmosfera circundante.

O vazio é o espaço público por excelência. Se a cidade é a materialidade construída e pensada como artefato, o vazio é o que define a vitalidade urbana, o espaço das relações humanas, o povoamento da cidade. O vazio é a condição para o livre acontecimento do encontro, o "a través de" necessário para os sucessos e contingências que tornam propícia a vida urbana. Na área da Luz, o vazio é moldura para o pesadelo obscuro da violência da miséria e do abandono, que são essas marcas do sorriso cínico do progresso imediato e sem inteligência do colonialismo interno.

Neste sentido, nas três propostas do workshop se pode afirmar a presença de um enunciado que espera ser compreendido como ação diante da realidade, ou seja, uma leitura da singularidade e da historicidade das intervenções como desdobramento da memória e do imaginário, onde o que está em jogo é a própria cidade e o sujeito; todos, como objeto do discurso.

E este enunciado proposto é um jogo complexo entre a superfície e a profundidade, que não fixa a história como permanência e marca o projeto com uma relação fluida entre o sujeito e o espaço urbano. Se a sociabilidade de São Paulo se esconde na obscuridade de uma visão trágica, as propostas nascem dos desígnios da própria dinâmica da área da Luz, propõem educar o

sentimento de ser deste lugar e recordar ao cidadão comum sua qualidade de ator principal na construção da cidade e homenageá-lo como guardião da vida urbana e dos laços que se estabelecem em seu exercício.

As propostas contêm urbanidade e humanidade. Não opõem resistência; trabalham nos espaços de transição, propícios a multiplicar relações e apontar direções na extensão contínua de um território desumanizado. Propostas como movimento, como limite aberto e como materialidade flexível abertas à experiência do espaço público.

Em sua elementaridade, as propostas não são neutras, anônimas ou impessoais. Focalizadas na paisagem urbana e receptivas à sua realidade palpável, são côncavas e convexas: ensinam que a articulação do caos e da atopia é o raciocínio da possibilidade de renovação da poética dinâmica da vida urbana tal e como se apresenta.

A questão da identidade paulistana está em jogo nas propostas. Cidade decadente, sem visão de conjunto, sem controle, desarticulada, o espaço urbano de São Paulo como território único, define, portanto, na contemporaneidade, uma cidade de vocação “atópica” e caótica, uma não-cidade. A sintaxe dos paulistas (VELOSO, 1994) da área da Luz é o sentimento de não pertencer à sociedade e a sensação de abandono. As propostas propõem uma fissura neste anonimato e abrem, ao cidadão, a perspectiva, a amplitude e a visibilidade do espaço público.

Podemos resumir o pensamento crítico no modo de apropriação do espaço público e na configuração atual do espaço urbano, nas metrópoles contemporâneas, abordado nos três projetos, como:

- O estranhamento, principalmente na crítica das representações sociais como “objeto dado” e sua referência ao espaço institucionalizado.
- O questionamento, não só o modo de constituição do espaço público, como a própria idéia de espaço público, as oposições entre público e privado, centro e periferia, alta cultura e baixa cultura, monumento e não-monumento.
- A organização de um horizonte de interesses convergentes capaz de apontar estratégias concretas de ação coletiva, através de procedimentos que reconhecem a existência de uma comunidade política no espaço público.

Algumas considerações finais

O panorama histórico e ideológico da prática da arquitetura mudou. Ou supomos que a arquitetura encontra-se num impasse entre uma tradição anterior e um vazio de interrogações. A arte, entretanto, tem estado disponível para alterar suas fronteiras. A contaminação da arquitetura pela arte é uma possibilidade de renovação do discurso, mas, principalmente, da investigação. Essa

permeabilidade põe em causa a especificidade somente poética e formal da relação entre a perenidade e o efêmero.

A colaboração estreita entre arte e arquitetura extrapola o apelo estético e plástico incipiente para a retomada de uma responsabilidade social diante da desagregação urbana. Se a arquitetura tem estado divorciada da experiência real da vida urbana, sua aproximação à arte renova o abstracionismo e permite uma nova dimensão e significado à prática radicada na realidade.

Referências Bibliográficas

ARTE/CIDADE grupo de intervenção urbana. Arte Cidade Zona Leste. Máquinas de guerra x Aparelhos de captura. Texto: Nelson Brissac. São Paulo: Garilli, 2002.

A + U (extra edition): 1987. International Building Exhibition Berlin 1987.

CANEVACCI, M. Cidade Polifônica – Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1997, p. 255.

CHOAY, F. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 18.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia. Vol 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

EL CROQUIS (79): 1996 – OMA / Rem Koolhaas.

KOOLHAAS, Rem / OMA. (2004). La ciudad genérica. In Lo urbano en 20 autores contemporáneos. Ramos, Ángel Martín (ed.). Barcelona: ETSAB/UPC, 2004, pp.73-81.

MARCHÁN-FIZ, Simón. Contaminaciones figurativas – Imágenes de la arquitectura y la ciudad como figuras de lo moderno. Madrid: Alianza Forma, 1986.

MVRDV. Km³. Excursions on Capacities. Barcelona: Actar, 2005

PMSP. Programa de reabilitação da área central. PROCENTRO. São Paulo: PMSP, BID, 2006.